

# mudar a



# vida

publicação do graal

Publicação trimestral — 50\$00



PORTE PAGO

62.  
MARÇO 1987

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



## FORMAS DE VIDA ALTERNATIVAS

### MOVIMENTOS ALTERNATIVOS

Alguns movimentos pretendem criar e espalhar nas sociedades contemporâneas novas formas de vida baseadas em valores radicalmente diferentes dos que hoje prevalecem.

Tais formas de vida foram chamadas, por aqueles que a elas aderem, «formas de vida alternativas». Tais movimentos são também chamados por aqueles que neles participam, «movimentos alternativos». E quem são, afinal, os **agentes** destes movimentos, que **ideologias** os informam, que **acções** ou **estratégias** desenvolvem? Sabemos que ao abordar este assunto nos referimos a uma grande diversidade de grupos, de problemas e de perspectivas. Ao falarmos dos **agentes**, temos em mente tanto pequenos grupos que vivem já um estilo de vida alternativo no ambiente que os rodeia, como grupos de pressão, e até partidos políticos que lutam por uma alternativa para o conjunto da vida social.

Quando olhamos para as **ideologias** destes movimentos, descobrimos um grande leque de ideias que vai desde o acento posto no enriquecimento do potencial humano à importância dada à protecção do ambiente. Quando discutimos as suas **estratégias**, referimo-nos aos problemas que se põem em alguns casos a nível pessoal, noutros a nível nacional e por vezes até internacional.

Pode tratar-se quer de actividades «legais», que podem ser abertamente referidas, quer de acções «ilegais», pensadas subterraneamente e em segredo. Os movimentos alternativos, pela sua própria natureza, são de facto movimentos de múltiplas formas e múltiplos temas, de múltiplos níveis e múltiplas estratégias.

Do ponto de vista histórico, os movimentos alternativos são um fenómeno social bastante novo. Em

multíssimas sociedades, durante séculos, quando não milénios, praticamente não existiu qualquer consciência da possibilidade de se viver um estilo de vida diferente daquele que era conhecido. Durante milénios e séculos, também houve sociedades em que as pessoas, apesar de terem consciência de que havia pessoas e grupos com estilos de vida diferentes, não viam possibilidades reais de fazerem elas próprias «experiências» de um outro estilo de vida; não achavam viável propor ou «ensaiar» formas realmente alternativas aos modelos do seu quotidiano. Por isso a situação actual, ao permitir experiências alternativas na vida quotidiana das pessoas, é de alguma maneira excepcional no conjunto da história humana. E poderemos perguntar-nos porquê. É que essas experiências requerem um certo nível de satisfação das necessidades básicas e de progresso tecnológico (nível que provavelmente difere de sociedade para sociedade); requerem um nível de vida que torne possível fazer opções e torne essas opções realistas. Por outras palavras, parece ser necessário um certo patamar de desenvolvimento material para criar a possibilidade, tanto física como psicológica, de iniciar experimentações de tipo social.

O fenómeno social a que nos referimos começou tanto no Primeiro como no Segundo Mundos, (com «Segundo Mundo» referimo-nos aos Países de Leste) em meados dos anos 60 e com os seus altos e baixos tem continuado até hoje. É verdade que estes movimentos têm origens diferentes nos diferentes países, respondendo a diversos impulsos, envolvendo grupos vários focalizados em temas e em acções diversificadas, tendo um impacto diferenciado conforme o tempo e o espaço dentro dos quais as suas actividades se desenrolam. Contudo, tanto participantes como observadores acentuam a importância de alguns traços

comuns a esses movimentos que os fazem aparecer como um único movimento, embora altamente diversificado.

## UNIDADE E DIVERSIDADE

Para começar, há o facto de todas as manifestações de vida alternativa serem reacções à crescente anomia social e à crescente alienação espiritual que podem observar-se em todo o mundo desenvolvido. Embora se concentrem em aspectos diferentes da vida diária e utilizem vários métodos de mudança social, todos estes movimentos alternativos, nos diversos países, tentam eliminar a alienação pessoal e social, impedir a divisão entre palco e público na vida social e política, anular o fosso entre aqueles que pensam e os que executam, entre actores e espectadores, entre patrões e clientes, entre os que sabem e os que não sabem.

Uma segunda característica reside no facto de os movimentos alternativos não pretenderem modificar as formas de vida dominantes, mas se inclinarem a criar formas **novas**, verdadeiramente alternativas. Na linguagem que utilizam, ser «alternativo» significa muito mais do que ser simplesmente «diferente»: sugere-se que a «alternatividade» deveria substituir tudo o que não é alternativo. A ideia não é modificar o sistema existente, mas antes estabelecer um **sistema** (e diz-se sistema, porque um estilo de vida é sempre um sistema) **competitivo novo**. As formas alternativas são condicionadas pelas formas dominantes apenas no facto de aquelas representarem a negação e a rejeição radical destas. Com isto não se negam as interligações entre formas alternativas e dominantes sejam de grande importância, como se prova no caso da Polónia, que se tornou nos últimos tempos uma espécie de laboratório social. As rápidas e drásticas mudanças no estilo de vida dominante polaco — por exemplo no que concerne à vida política e ao nível de vida — resultaram em transformações consideráveis nos movimentos alternativos.

Apesar da existência destes elementos, comuns aos vários movimentos alternativos, há que dizer algumas palavras também quanto às já referidas diferenças entre eles. Embora provavelmente devidos a causas múltiplas, os factores a seguir enunciados parece serem cruciais.

— Em primeiro lugar, as diferenças no desenvolvimento económico-tecnológico das sociedades reflectidas, por exemplo, nos seus níveis de vida. Assim, nos países ricos da Europa Ocidental, o «hiper-desenvolvimento» e o «hiper-consumo» são os principais alvos de descontentamento e protesto, enquanto que na Europa de Leste esse problema não foi ainda sentido com a mesma acuidade.

— O segundo factor a notar é o sistema político dentro do qual se desenvolvem os movimentos alternativos. Na Europa de Leste, mais do que na Ocidental (e nesta matéria a Polónia surge como pioneira) as pessoas parece porer ênfase, sobretudo em factores

«imponderáveis». Os movimentos alternativos polacos, mais do que os seus equivalentes ocidentais, preocupam-se com problemas como a liberdade de expressão, a liberdade de participação activa e efectiva na vida social e política, a responsabilidade social, a valorização pessoal, o papel dos valores éticos e estéticos na sociedade.

— Finalmente, e como terceiro factor, há que mencionar algumas diferenças culturais básicas, com raízes no passado. É interessante que essas diferenças parecem desempenhar um papel ainda maior no caso dos movimentos alternativos do que no das formas dominantes, dado que estas últimas sofreram um processo de uniformização, bem característico das «sociedades de massa» contemporâneas. Por outro lado, entre os movimentos alternativos e as suas propostas, encontramos muitas diferenças que podem ser atribuídas ou a tradições religiosas diversas (por ex. a católica versus protestante) ou a diversos contextos sociais (por ex. o urbano versus o rural) prevalentes numa dada sociedade.

## TRAJECTO FUGAZ

Como já foi dito, os movimentos alternativos nasceram em meados dos anos 60. Tiveram o seu ponto alto em meados dos anos 70, momento em que estiveram particularmente activos e visíveis; no começo dos anos 80 parece estarem já em declínio. Há, no entanto, outras formas de «periodizar» estes movimentos. Alguns autores afirmam que o seu desenvolvimento se faz em três fases: terão começado como «subculturas», situadas à margem da sociedade, ou mesmo com existência subterrânea, desenvolvendo-se depois em «contraculturas», isoladas da cultura dominante e, finalmente, dando origem à «cultura alternativa», em que os movimentos alternativos são propostos como um novo modelo de cultura que deveria substituir o modelo cultural dominante.

E qual será a razão para este trajecto? Porque é que uma corrente com tanto conteúdo e tão atractiva para tanta gente durante quase vinte anos chega ao seu termo?

Uma razão poderá ser encontrada no facto de os movimentos alternativos terem sido uma reacção espontânea **contra** o estilo de vida dominante. Ora essa reacção, embora manifestando-se de múltiplas formas, alimentava-se em grande parte de sentimentos negativos e de atitudes críticas face à sociedade existente, mais do que de ideias positivas sobre como mudar essa sociedade. Como disse alguém, o movimento alternativo surge como um arco-íris, fascinante e sedutor pela riqueza das suas cores, mas muito provavelmente com o carácter de fenómeno fugaz e provisório. Em segundo lugar, os movimentos alternativos nunca tiveram — e ainda não têm — uma base social estável. Deles fazem parte pessoas com grande sensibilidade e uma atitude crítica, de muitas classes e estratos sociais, às quais falta, porém, o apoio sólido de pelo menos um sector das suas sociedades. Em

último lugar, mas nem por isso menos importante, a fragilidade dos movimentos alternativos vem da sua incapacidade — ou falta de vontade — de se integrarem na estrutura económica das respectivas sociedades (embora com algumas excepções). Poderia acrescentar-se, como uma quarta explicação hipotética, o facto de os membros dos movimentos alternativos serem em geral jovens (com vinte-trinta anos), que

ao tornarem-se mais velhos parece ficarem desiludidos pela lentidão, ou até ausência, de uma mudança social, ou simplesmente cansados e fartos dos seus antigos ideais e correspondentes actividades.

*Andrzej Sicinski e Monica Wemegah,*  
*in «Alternative Ways of Life in Contemporary Europe»,*  
*GPID, UNU, 1983*

## VIDA PARTILHADA

*O que queremos afinal, apaixonadamente, é construir uma sociedade onde a paz não seja obtida nem pelo sacrifício da nossa liberdade nem pelo empobrecimento da nossa existência. Mas será que uma mudança assim é possível nas nossas vidas? Ou será que isso constitui um desafio demasiado difícil? Se sonhamos com isso é porque o Evangelho mostra o quadro de uma vida partilhada, que ao mesmo tempo conduz à paz e a um calor humano sem alienação, relativamente às leis morais, ao*

*poder político ou às pressões sociais. Por isso Cristo luta contra os fariseus, e não se submete aos costumes com os quais não concorda; para ele o amor é tudo menos um dever. Mas parece impossível fazermos o nosso caminho nesse sentido sem mudarmos radicalmente as nossas atitudes mais profundas.*

Philippe d'Iribarne  
ibidem

## OBSTÁCULOS ESTRUTURAIS

Embora as estruturas sejam criadas pelas pessoas, uma vez que estão estabelecidas, torna-se muito difícil mudá-las. Isto acontece não só pela existência de barreiras psicológicas relativamente a toda a mudança como também pela presença de interesses, incobertos ou não, que pretendem manter o statu quo.

Dado que as opções de modelos de desenvolvimento, de estratégias de comércio, de filiações internacionais, de políticas da energia e da indústria já estão mais ou menos pré-determinados pelas elites no poder, que tipo de escolhas poderão ainda ser feitas pelas pessoas em geral? Será que existe algum espaço para uma vida alternativa dentro das estruturas materiais e sociais existentes?

Sabemos que é possível escolher entre as formas de vida hoje dominantes e outras formas alternativas. Há quem pertença mesmo a grupos alternativos e quem tente na sua vida pessoal demarcar-se do estilo dominante, por exemplo, rejeitando os modelos estabelecidos para «fazer carreira», deixando de fumar, começando a fazer exercício físico, mudando os hábitos de uma dieta pouco saudável, etc.. Contudo, apesar dos esforços feitos a nível individual, as transformações estruturais são pouco visíveis. É importante notar que qualquer acção fora das estruturas previstas é por vezes esforço demasiado para muita gente (acções como, por exemplo, andar de bicicleta onde não há circuitos para isso, ou apoiar a produção local quando nas lojas só vêem coisas importadas, etc.). Não é de estranhar, por isso, que as práticas alternativas sejam inicialmente experimentadas por uma elite, isto é, por gente com um alto nível tanto de educação como de salários. Nesta fase da história o impulso para a mudança parece vir sobretudo das classes média e alta: técnicos, educadores, intelectuais, pessoal de administração. A tradicional classe trabalhadora não tem

frequentemente motivação para a mudança, dado que a maior parte das vezes isso mexe com a sua segurança no trabalho e com as suas possibilidades de emprego. Por isso é de extrema importância a criação de uma gradual solidariedade entre os movimentos alternativos e a classe trabalhadora, para que esta tenha garantias de que nada terá a perder com o processo, visto que os custos da mudança terão de ser pagos por toda a sociedade. Apesar das dificuldades experimentadas pelas pessoas envolvidas nestes processos alternativos, há alguns acontecimentos e situações que parecem ajudar esses esforços: (1) O debate internacional sobre desenvolvimento, incluindo o «Diálogo Norte-Sul», as discussões sobre a Nova Ordem Internacional, as ideias sobre desenvolvimento endógeno; (2) A situação mundial quanto à energia, com perspectivas de redução grave no consumo do petróleo e os esforços feitos em ordem à utilização de fontes de energia alternativa; (3) Os problemas de desemprego crescente na área da OCDE, como consequência da saturação do mercado de trabalho, dos avanços tecnológicos e da competição do Japão com os novos países que hoje imitam o modelo japonês; e (4) o aumento recente dos movimentos alternativos em todo o mundo industrializado.

É certo que estes quatro factores não tiveram ainda um grande impacto a nível político. E permanece a questão sobre qual modelo de transformação será mais realista: se uma mudança repentina de governo, trazida por uma revolução violenta, ou se uma mudança gradual, através do impacto crescente de movimentos alternativos. As transformações poderiam eventualmente ser também iniciadas ou apoiadas de cima, quer através de políticas sectoriais, quer de uma espécie de 'remendos' feitos nas actuais estruturas, quer ainda por uma abolição de alguns dos actuais sectores, integrando por exemplo alguns ministérios em instituições mais «globalizantes», mais preocupadas com

o desenvolvimento humano e social. Talvez, tendo em conta os diferentes erros históricos que conhecemos, a estratégia mais viável devesse envolver uma perspectiva global do desenvolvimento, promovida a partir de cima e simultaneamente combinada com múltiplas mini-revoluções, com experiências em pequenos grupos e com uma crescente autonomia a nível local.

#### ESPECIALIZAÇÃO E VISÃO GLOBAL

A especialização, hoje em dia, sendo um compartimento completamente estanque, torna virtualmente impossível uma visão do que se passa noutros sectores do saber. Isto diz respeito tanto a uma análise do que está errado no actual sistema, como às responsabilidades que se podem antecipar de um desenvolvimento alternativo. A frequente insegurança, implícita em todos os especialistas de mentalidade estreita, que têm medo de revelar os seus horizontes limitados, poderá servir para os unir a capitalistas, burocratas e técnicos num esforço conjunto para se manterem numa espécie de «frente dos que sabem mais», fechando-se com isso à possibilidade de perceber outras realidades.

Perante quaisquer ideias novas, burocratas, capitalista, ou técnicos, reagem negativamente, considerando-as «teóricas», «irrealistas» e «demasiado onerosas», quando efectivamente a verdadeira razão para essa sua rejeição está já em mitos ou dogmas para eles pré-estabelecidos. Um medo de tudo o que «cheire» a socialismo, para um capitalista, ou a capitalismo, para um socialista, pode funcionar como verdadeiro bloqueio mental, impedindo que se tome em consideração tudo o que, mesmo vagarmente, saia fora do seu quadro mental.

A noção de «desenvolvimento alternativo» exige um certo desprendimento de convicções antigas, uma capacidade de pensar livremente, atitudes que encontramos frequentemente entre intelectuais, mas nem sempre presentes nos meios a que nos referimos. A descon-

fiança em relação aos especialistas, quando julgam em causa alheia, não quer dizer, evidentemente, falta de apreço pelo seu juízo em causa própria. Ou seja, os peritos deveriam ser consultados nas matérias de especialidade, mas as conclusões gerais deveriam ser tiradas por aqueles que se preocupam com uma visão global dos problemas.

#### ORGANIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

O aparecimento de uma sociedade altamente organizada, na qual gente com profissões similares ou com afinidades se une para proteger os seus interesses de grupo, criou a base de uma segurança de emprego razoável, com os problemas de saúde praticamente garantidos. Porém, estes passos, à primeira vista positivos, têm também claras desvantagens, pelo obstáculo que criam à mudança. É que uma estratégia de desenvolvimento alternativo supõe que alguns grupos terão regalias a perder, enquanto que outros, até aí sem estatuto social, irão surgir. Estes novos grupos não têm muitas vezes organizações que possam defender eficientemente os seus interesses, ao passo que quem trabalha em indústrias destruidoras do ambiente ou quem está empregado em corporações internacionais na maioria dos casos faz o que pode para evitar qualquer mudança que venha eventualmente alterar a sua segurança profissional. É vital que essas pessoas percebam que estamos **todos** dependentes do mesmo sistema e que o lançar de uma via alternativa de desenvolvimento significa que se irão criar novos empregos aos quais também eles terão direito. Para todos nós, mesmo os que não estamos ligados a profissões desse tipo, é vital saber que teremos de suportar os encargos de uma tal mudança e que haverá que tecer redes de solidariedade com os que vão ter de mudar de emprego no futuro.

Dag Poleszynski

ibidem

#### MUDAR O OLHAR

*O Evangelho convida-nos a não procurar qualquer domínio ou poder sobre os outros. Faz-nos tomar consciência de que é impossível chegar a alguma coisa por que valha a pena viver, através de uma posição de controlo ou de sedução em relação aos outros. Mostra-nos como a vida vale muito mais quando considerarmos cada pessoa como única e insubstituível. Se toda a gente embarcasse inteiramente numa atitude assim, já não teríamos que escolher entre a competição e o tédio. Porque cada qual poderia encontrar o seu semelhante com o coração aberto e sem reservas. E que outra coisa poderia responder mais às nossas aspirações profundas, se não o progresso ao longo desse caminho? É certo que nunca ninguém experimentou a total realização de tal Utopia. No entan-*

*to, pelos séculos fora, as nossas sociedades parece terem dado passos nesse sentido. Por que não irmos mais longe?*

*Quando uma «vida nova», ou uma qualidade diferente da vida, está em causa, os livros não servem de muito. A chave para uma saída está nos actos individuais das pessoas que querem mudar profundamente os seus caminhos e a sua forma de olhar as coisas. A formação de pequenos grupos à volta dessas pessoas poderá ir fazendo emergir um estilo de vida alternativo. Não será certamente graças aos meios de comunicação, tão impessoais, que poderemos ver progresso nesta direcção.*

Philippe d'Iribarne

ibidem

Publicação trimestral. Assinatura anual: 200\$00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes. Inscrito na DGCI com o n.º 106 032.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.ª-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.